A POSSIBILIDADE DE UMA PEDAGOGIA ARTÍSTICA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES E DE EDUCANDOS.

Daniele Bentin Mendonça[1]

Resumo: Com base nos escritos de Nietzsche sobre educação, especificamente os elaborados na primeira fase de sua obra, pretendemos esclarecer sua proposta para o desenvolvimento da cultura – verdadeira cultura/cultura filosófica (NIETZSCHE, 2003) - nos estabelecimentos de ensino, analisando, especificamente, a prática da dança na concepção do filósofo alemão. Assim, abordamos o tema "A possibilidade de uma pedagogia artística na formação de educadores e DE educandos." Nossa proposta é analisar, a partir dos textos da bibliografia primária e secundária do filósofo, o desenvolvimento da cultura e da educação nos estabelecimentos de ensino de hoje. Focamos a importância da arte na visão pedagógica nietzschiana, destacando a relevância da dança como expressão estética e como modelo de um aprendizado que liberta todas as potencialidades criativas do discente. Consideramos a prática da dança como um dos caminhos possíveis para o alcance de uma educação plena, afirmando a cultura como base formadora do homem e de suas diversas capacidades: intelectuais, corporais, artísticas.
Palavras-chave: Educação em Nietzsche. Cultura autêntica. Arte. Dança.

LA POSSIBILIDAD DE UNA PEDAGOGÍA ARTÍSTICA EN LA FORMACIÓN DE LOS PROFESORES Y DE LOS ESTUDIANTES.

Resumen: Basado en los escritos de Nietzsche en la educación, desarrollados específicamente en la primera fase de su trabajo, tenemos la intención de aclarar su propuesta para el desarrollo de la cultura - la cultura / cultura filosófica certo (NIETZSCHE, 2003) - en las escuelas, con especial énfasis en la práctica de la danza en el diseño alemán filósofo. Así, abordamos el tema " La posibilidad de una pedagogía artística en la formación de profesores y estudiantes." Nuestro objetivo es analizar, a partir de los textos de la bibliografía primaria y secundaria del filósofo, el desarrollo de la cultura y la educación en las escuelas de hoy en día. Nos centramos en la importancia del arte en la visión educativa de Nietzsche, destacando la relevancia de la expresión estética de la danza terminado y como modelo de aprendizaje Que libera todos potencial creativo de los estudiantes. Nos apuesto la práctica de la danza una de las posibles vías para Lograr la formación completa, indicando la cultura que forma la base del hombre y de sus diversas capacidades: intelectual, física, artística.
Palabras clave: Educación en Nietzsche. Cultura auténtica. Art. Danza.

THE POSSIBILITY OF AN ARTISTIC PEDAGOGY IN TEACHERS AND STUDENTS' FORMATIONS.

Abstract: Based on the writings of Nietzsche on education, specifically those who were developed in the first phase of his work, we intend to clarify its proposal for the development of culture - true culture / philosophical culture (NIETZSCHE, 2003) - in

[1] Pedagoga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, com Mestrado em Memória Social pela mesma instituição. Professora de ballet clássico em escolas de dança do Rio de Janeiro, desenvolve pesquisas teóricas a partir de experiências práticas com seus alunos, participando de relevantes congressos, seminários, workshops e festivais do cenário artístico brasileiro. E-mail: danieleb.mendonca@yahoo.com.br

schools, with particular emphasis on dance practice in the design German philosopher. Thus, we choose the theme “The possibility of an artistic pedagogy in the training of teachers and students." Our goal is to analyze, from the texts of primary and secondary bibliography of the philosopher, the development of culture and education in today's schools. We focus on the importance of art in Nietzsche's educational vision, highlighting the relevance of dance as finished aesthetic expression and as a model of learning that frees all creative potential of students. We consider the practice of dance as one of the possible paths for achieving a full education, stating culture as forming the basis of man and its various capabilities: intellectual, physical and artistic.
Keywords: Education in Nietzsche. Authentic culture. Art. Dance.

Considerações Iniciais

Iniciaremos apresentado, abordamos a crítica de Nietzsche ao *jornalismo*[2] – tendência à superficialidade, banalidade –, ampliador e redutor da cultura que invade a dinâmica educacional. Esta banalização ou *barbárie*[3] que domina a Alemanha do Século XIX enfraquece a verdadeira cultura, movimento observado por nós ainda nos dias de hoje. Os estabelecimentos de ensino atuais demonstram pautar seus conteúdos em abstrações desvinculadas da vida, a fim de tornar corrente (NIETZSCHE, 2003, p. 62) o homem conforme uma lógica uniformizadora. Diante daquilo que Nietzsche denomina “erudição microscópica” (NIETZSCHE, 2003, p. 15), o movimento de extensão e de redução da cultura, já apontada por ele no seu tempo, percebemos a necessidade de considerarmos relevante uma prática educativa através da arte – no caso específico deste trabalho, a dança – como impulso para o desenvolvimento da verdadeira cultura.

Na modernidade, com o homem se transformando em uma “moeda corrente”[4], peça chave na reprodução da lógica do mercado capitalista e joguete da barbárie desta pseudocultura, torna-se cada vez mais difícil o amadurecimento de um “gênio” (NIETZSCHE, 2003, p. 90), gestado no seio materno da cultura de um povo. Em um sentido mais amplo, o espírito autêntico do artista, se hoje implementado, seria capaz de libertar o homem moderno das tendências negativas da própria modernidade[5]. Ele

[2] Uma cultura jornalística que invade a educação; ou seja, abandono do ensino da reflexão filosófica (NIETZSCHE, 2003, p. 09).
[3] Nietzsche interpreta a barbárie como um movimento de banalização da cultura popular. A massificação do que tem valor para a vida do homem moderno em prol do que tem valor para o mercado capitalista.
[4] Cultivar homens tão “correntes” quanto possíveis; no sentido efetivo de moeda corrente, que passa de “mão-em-mão”.
[5] Espírito mercantil, superficialidade, massificação, exaltação do quantitativo, de necessidades mercadológicas em detrimento de uma cultura ampla, universal.

experimentaria "inconscientemente a unidade metafísica de todas as coisas na grande metáfora da natureza" (NIETZSCHE, 2003, p. 105). Esse indivíduo seria capaz de criar novos pensamentos e saberes, propondo ideias que exprimem a vida. Este seria o "gênio" seria, então, um homem contemplativo, capaz de criações eternas, caracterizado por uma obediência e habituação à disciplina.

A criação de estabelecimentos de cultura e de instituições que propiciem uma possibilidade de convivência com os "homens raros" (gênios), conforme a interpretação nietzschiana, permite aos estudantes um contato significativo com os verdadeiros educadores – libertadores – assumindo assim, a responsabilidade de sua própria existência – fim metafísico da natureza (NIETZSCHE, 2003, p. 180) – e alcançando a audácia e a honestidade característica de todo artista. Sendo assim, procuramos analisar como Nietzsche, partindo da valorização de Schopenhauer, enquanto educador, vislumbrou um novo caminho educativo que priorize a natureza através das artes, reverenciando o homem tal como ele é, um milagre único (NIETZSCHE, 2003, p. 138).

No panorama cultural da modernidade, a dança poderia ser interpretada como fundamental na proposta educativa de Nietzsche, apresentando-se como uma dinâmica que acompanha o devir da vida, produtor de movimento e de formas permanentemente renovadas. A dança apresenta-se como genuína afirmação da vida, pois dançando "se aniquila e se constrói" (MARTON, 2000, p. 151), isto é, eliminam-se as formas caducas, oportunizando novas criações e educar, formar é criar. Segundo Nietzsche, ela traz leveza, ataca a gravidade dos valores já cristalizados e combate o peso do ressentimento[6]. Com a dança, é questionada toda uma visão de mundo; ela põe a balançar a certeza do imutável.

A partir dessas considerações, defendemos a importância de combate à "barbárie" cultural, propondo caminhos aos decadentes estabelecimentos de ensino que ainda predominam nos nossos dias, nos quais, o objetivo é propiciar a erudição abstrata ou "jornalismo" (superficialidade) na educação. Como alternativa a esta tendência, Nietzsche propõe a filosofia dionisíaca[7] do eternamente criar-a-si-próprio e do

[6] Nietzsche analisa, em a *Genealogia da Moral*, I Dissertação, "Bom e mau", "Bom e ruim", como os ressentidos são indivíduos incapazes de criar e se ressentem contra aqueles que são fortes, contra os genuínos criadores.

[7] O Dionisíaco - A arte dionisíaca transmite o exagero da natureza, capaz de levar o homem à verdade. Possibilita superar a divisão. Promove a desintegração do eu, abolindo totalmente a subjetividade até o esquecimento de si. Exultante na alegria, mas também intensa no sofrimento e no conhecimento (MARTON, 2000). Em CAVALCANTI, *Arte como experiência: a tragédia antiga segundo a interpretação de Nietzsche* (2006), a autora caracteriza o estado dionisíaco como um estado de metamorfoses e visões. Nele ocorre um distanciamento em relação a si próprio, correspondendo ao estado de embriaguez, rompendo os laços com a identidade e a consciência.

eternamente destruir-a-si-próprio. Como o filósofo alemão, nós cremos que a dança se constitui neste mundo dionisíaco e em uma possibilidade de desenvolvimento para a verdadeira cultura no contexto educacional atual.

Os Estabelecimentos de Ensino hoje.

> Nietzsche aponta os vários obstáculos que a 'cultura utilitária' da sua época antepunha à 'autêntica cultura'. Em primeiro lugar, o 'egoísmo dos negociantes' [...]. Em segundo lugar, o 'egoísmo do Estado' [...]. Finalmente, o 'egoísmo da ciência' dos 'servidores da verdade'. (NIETZSCHE, 2003, p. 20)

Na discussão que Nietzsche desenvolve em seus textos sobre educação, compilado na edição brasileira como *Escritos sobre Educação* (2003), o filósofo tece duras críticas à cultura de sua época, ponderando ideias que podem nos ajudar a compreender alguns aspectos das instituições escolares dos nossos dias. Assim, podemos constatar que aquilo que o filósofo alemão antes observava nas escolas e universidades de seu tempo, ainda é realidade para nós. Educa-se para o exercício de uma carreira, sintoma claro do "espírito utilitário". Esse espírito revela-se na exigência de um imediato progresso e sucesso profissional, sem importar-se pela qualidade dos conteúdos aprendidos e pela formação integral dos discentes. Ainda hoje, existe uma carência de instituições realmente preocupadas com a cultura, já que os estabelecimentos de ensino tendem à *extensão*[8] - a expansão excessiva do número de estabelecimentos de ensino, assim como de docentes mal preparados para a docência – e sua correlativa *redução*[9] - minimizando os conteúdos transmitidos, para que sejam compreendidos por "todo mundo", obedecendo à lógica de uma expansão quantitativa própria do mundo capital.

Conforme as análises de Nietzsche, entendemos por extensão e ampliação máxima da cultura a tendência ao exagero, à generalização e à banalização da cultura. Procura-se um máximo de conhecimento e cultura possível (banalizados e simplificados), bem como de produção e necessidades possíveis. Nesse contexto, o objetivo da cultura torna-se a utilidade, o lucro, pois a humanidade vive em busca da felicidade e somente por esta razão a cultura é necessária. A universalização e a massificação da cultura têm como

[8] Extensão da cultura, conforme Nietzsche, é ampliar ao extremo o conhecimento, vulgarizando os conteúdos para obter lucro imediato; esse processo de generalização deixa de lado o que é próprio de cada povo em prol da lucratividade e do atendimento a rápida demanda do capitalismo.
[9] Redução da cultura, conforme Nietzsche, é o movimento de banalizar e reduzir ao menor valor elementos essências e concretos de vida do ser humano.

consequência a banalização e o empobrecimento da mesma, a redução ao mínimo de seus conteúdos.

A tendência à redução, ou seja, ao enfraquecimento da cultura, apresenta um movimento contrário, tão negativo quanto o da ampliação. Esta tendência reduz a verdadeira cultura a algo banal (pois não há mérito naquilo que não produz lucro), à lógica capitalista, ao que é "útil" (àquilo que surge a partir do capital e serve ao próprio capital independente do que seria fundamental para desenvolver as funções mais vitais do ser humano). Na ótica dos modernos, valorizar algo sem um objetivo utilitário, como trazer à tona valores ligados à *língua materna*[10], é visto como inutilidade, como algo fora do sistema. Para eles, uma iniciativa como esta, desvinculada de uma carreira, não outorga ao indivíduo "status" e lucratividade, estando distante dos supremos interesses do Estado. Exige-se que o homem abandone suas ambições mais nobres e sublimes e se ponha humildemente a serviço da produção. O especialista que é formado nos moldes da lucratividade capitalista, totalmente afastado da verdadeira cultura, transformando-se em um representante da barbárie que controla todos os estabelecimentos de ensino. Essa tendência desenvolve o "espírito utilitário" de cada cidadão ao orientá-lo para uma profissão, descuidando totalmente do desenvolvimento de outros aspectos da sua vida em plenitude.

Nietzsche afirma que os estabelecimentos de ensino fazem progredir cada discente até tornar-se um "ser corrente": a verdadeira tarefa dessa cultura é formar homens que circulem no mercado de trabalho como moedas. Diante desta barbárie que se apossa da cultura, de tais banalização e deturpação dos valores e da condição humana, percebemos um movimento de repúdio a todo e qualquer saber que proponha outros fins para além do dinheiro e do ganho imediatos. A tendência mercantil da educação prega uma cultura "tão universal quanto possível" (NIETZSCHE, 2003, p. 62). Em resumo, a extensão da cultura, e sua consequente banalização, traz, aos educandos massificados, a ilusão de alcançarem a tão almejada felicidade e realização terrena.

Por outro lado, o aniquilamento da genuína cultura (vinculada à arte, à Filosofia, à criação), sua redução ao máximo proposta e praticada pelos eruditos especializados, domina os corredores dos estabelecimentos de ensino, em defesa à "fidelidade nas

[10] Um severo ensino linguístico em combate ao alemão jornalístico da época (NIETZSCHE, 2003, p. 69).

pequenas coisas"[11]. O processo de especialização e de delimitação da ciência em compartimentos estanques, impede o reconhecimento de uma cultura fora dos limites de cada ciência, de cada disciplina ou área de conhecimento. Nesse sentido, podemos comparar os eruditos aos operários de fábricas condicionados a operar um determinado tipo de equipamento ou a executar uma única tarefa, sendo esses "sábios", leigos no que diz respeito a efetuar qualquer outro tipo de atividade, diferente da que está "adestrado" a fazer.

Assim, nesta concepção superficial e mercantil de um conhecimento universalizado, mas reduzido aos mínimos conteúdos, a partir deste processo de redução/ampliação da verdadeira cultura, surge a tendência ao jornalismo[12.] No campo da educação e da cultura da era moderna, percebemos a confluência das duas tendências – ampliação e redução – impondo a banalização de todas as questões de natureza séria e a rejeição aos problemas filosóficos mais elevados. Desse modo, o jornalista toma o lugar do grande gênio, aprisionando-nos nos temas do momento *atual* – nas discussões da moda, inserindo-nos nesta pseudocultura, esmagando qualquer atitude de verdadeira prática da cultura; "[...] cada um desejará libertar pelo menos seus herdeiros desta opressão, ainda que ele próprio deva ser sacrificado. " (NIETZSCHE, 2003, p. 67)

Segundo Nietzsche, nós precisamos, para se romper com a pobreza de espírito pedagógico e propiciar a renovação do ginásio na modernidade, valorizar e cultivar o sentimento de um dever sagrado para com a língua materna (NIETZSCHE, 2003, p. 69). No caso da análise do filósofo, ele propõe o ensino da língua alemã como o germe para propiciar uma cultura superior. O autor alemão sustenta que necessitamos desenvolver um sentimento artístico ao estudar os clássicos da própria língua. Em sua proposta, prevalece o sentimento artístico, encontrando, nas palavras e nas letras, significados relevantes para traduzir a vida, a essência da língua através do estudo de grandes autores, de verdadeiros gênios[13] que atuaram para e pela cultura autêntica.

O que ocorre hoje nos estabelecimentos de ensino da modernidade é uma erudição na qual a língua materna é tratada como uma língua morta. O contrário deveria acontecer:

[11] Nietzsche se vale desta expressão ao estabelecer uma crítica aos eruditos dos estabelecimentos de ensino que se vangloriam por seu distanciamento cada vez maior da verdadeira cultura, julgando a falta de conhecimento fora dos limites de suas disciplinas como sinal positivo para seu status (2003, p. 64).
[12] O jornal substitui a cultura e o jornalista toma o lugar do grande gênio (NIETZSCHE, 2003, p. 65).
[13] Nietzsche (2003) desenvolve este conceito ao longo de suas discussões nas cinco Conferências sobre os Estabelecimentos de Ensino de sua época na Alemanha. Para ele, gênio é o homem que se embriaga da essência de sua cultura popular, se entusiasma verdadeiramente com os estudos de clássicos antigos e de sua língua mãe. O gênio surge no seio da autêntica cultura a fim de libertar o homem moderno.

seria fundamental para a cultura, tratar o vivo como vivo, com o verdadeiro mestre oportunizando esta experiência aos alunos. Observamos isso na vivência através da arte: tudo é re-significado, tudo exige um esforço redobrado para dar novos sentidos ao aparentemente já consolidado. Assim, a cultura começa com um caminhar correto da língua, como uma marcha, segura e forte (NIETZSCHE, 2003, p. 77). Ao se aprender se teme fazê-la de modo grosseiro e inepto, mas ao perceber seus movimentos, adota-se um novo hábito, uma segunda natureza acompanhada de certo garbo.

Vejamos, na concepção nietzschiana da educação e da cultura, a importância da metáfora da marcha. Para ele, a verdadeira cultura só é alcançada através da obediência e do hábito. Estas exigências são fundamentais, por exemplo, na realização de toda disciplina artística. O artista necessita dedicar-se ao seu fazer, à sua disciplina, com rigor e cuidado que são primordiais para o aprimoramento de sua técnica e para vencer novos desafios. Nesse sentido, vemos as razões do apelo de Nietzsche ao afirmar ser de suma importância o estudo dos clássicos da língua alemã. Os clássicos evidenciam claramente a seriedade e o rigor artístico e não seduzem os que movimentam a indústria do jornalismo na educação, dominada pelas premências do mercado. Por isso, a preocupação de Nietzsche em reformular o ginásio, pois seu viés científico está distante da Antiguidade. Ele se transformou em um viveiro das ciências, ao invés de ser o lugar consagrado a toda cultura nobre e superior. E o erudito corrompido desses estabelecimentos se torna um "jornalista" inserido nesta lógica da cultura "bárbara", negando o próprio espírito nacional. Da escola esperamos que um dia a cultura clássica possa lá encontrar seu solo natural, seu ponto de partida. Mas para isso temos que restringir também o número excessivo de pessoas sem vocação no ensino.

Para alcançar realmente o desenvolvimento de uma cultura genuína, a natureza destina um número restrito de homens e para isso só podemos contar com um número ainda menor de estabelecimentos de ensino superiores. Portanto, devemos olhar com prudência os que falam sobre a formação do povo. Grande número de estabelecimentos de ensino aparece em nossos dias (aqui frisamos a semelhança do processo educacional focado por Nietzsche com a docência atual), acompanhados de um grupo grande de pessoas sem vocação, procurando validar o discurso de uma educação igual para todos e suprir a carência dos que hoje se sentem menos favorecidos.

A educação deve ser propiciar o contato com a cultura de indivíduos selecionados – grandes heróis[14] que ficarão na memória -, pois cultura de massa[15] é estritamente diferente de cultura popular. Esta última é o oposto da cultura cultivada pelas ações obrigatórias e criadoras. Na cultura popular, nos aproximamos do que podemos caracterizar como vertentes formadoras de um povo: seus instintos religiosos, suas imagens míticas, sua fidelidade aos costumes, ao seu direito, sua pátria, sua língua. Daí a necessidade de se enfatizar o estudo profundo da língua materna, da raiz primeira de um povo. O jornalismo na educação prega a cultura de massas, para as massas, deseja ampliar ao máximo a cultura, perdendo o que é natural do povo. O gênio, gerado das forças culturais mais elevadas e nobres, se alimenta e amadurece no seio materno da cultura de um povo. Como uma mãe, a cultura criar o gênio, porém este não depende propriamente dela para poder nascer verdadeiramente; dela ele só necessita de cuidado, proteção e acalanto, para abrir suas asas e alçar seu voo às alturas da criação. Já os filólogos, - muito criticados por Nietzsche, um filólogo de formação - como a maior parte dos professores de nossos ginásios, se relacionam com este meio de forma estritamente profissional, tentando re-erguer a antiguidade clássica sem êxito, banalizando-a ainda mais. Segundo o questionamento de Nietzsche, assim se faz a cultura elegante da época: ouvidos tapados, surdos e fechados para a verdadeira cultura.

O Estado moderno mantém a cultura como empregada de suas exigências e interesses dentro dos estabelecimentos de ensino. Ao contrário dos gregos antigos que têm admiração pelo seu Estado, uma vez que este se mantém o máximo possível distante da atitude utilitária, sempre a serviço da cultura, este Estado moderno – como mistagogo[16] de uma cultura universalizada – alcança sua apoteose na submissão de todos às suas imposições. Para os gregos:

> O Estado não era para aquela cultura um guarda de fronteiras, um regulador, um superintendente, mas o companheiro de viagem, e o companheiro de andar vigoroso, forte, disposto ao combate, que escoltava através das rudes realidades o seu amigo mais nobre e, por assim dizer, quase divino pelo qual se tinha admiração e do qual ele recebia em troca o reconhecimento. (NIETZSCHE, 2003, p. 99)

[14] Nas análises de Nietzsche, estes heróis são indivíduos que se destacam pelo seu apreço e dedicação ao desenvolvimento da cultura. Homens que serão lembrados por seus feitos e colaborações à humanidade, sem intenção de fama ou status.

[15] Cultura que obedece a ordem das classes mais abastadas da sociedade. Esta se diferencia da cultura popular, pois não caracteriza um povo, mas promove a banalização dos valores vitais do ser humano e enaltece a superficialidade em defesa do "conhecimento para todos".

[16] http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=mistagogo. (*s. m.* 1.iniciador nos mistérios religiosos; 2.*fig*. guia; 3.mentor)

A cultura está acima do mundo das necessidades. A verdadeira cultura rejeita os interesses mesquinhos e os desejos imediatos que o Estado moderno induz o homem a buscar. Ela não se desenvolve pelos indivíduos que dela tentam se apoderar para realizar seus desígnios egoístas. Este espírito autêntico da cultura é capaz de, através de sua vertente artística, libertar o homem moderno da própria modernidade, pois a arte traduz a vida. Sendo assim, Nietzsche, a partir de sua proposta, nos chama a atenção para uma cultura como guia da educação, avessa à proposta da simples conquista de um cargo profissional, ou ganhos materiais, ao fim da trajetória discente.

O caminho da verdadeira cultura segue o fluxo da experiência inconsciente[17] da unidade metafísica de todas as coisas na grande metáfora da natureza. É preciso se reconhecer nos inúmeros fenômenos e elementos naturais e não mais tentar vencê-los pela astúcia de um hábil cálculo ou algo parecido. A arte pode nos guiar neste caminho de experiências próximas à natureza, de uma relação quase pessoal com ela. O homem verdadeiramente culto permanece fiel aos instintos e, portanto, pode compreendê-la verdadeiramente, assim como o artista.

Seguindo essa perspectiva dos homens verdadeiros, surgem então os gênios – verdadeiros artistas, indivíduos contemplativos, capazes de criações eternas, que, para Nietzsche, estão no vértice da pirâmide intelectual. Como um dançarino, são capazes de desligar-se das convenções impostas pelo Estado, ou de qualquer outro órgão controlador, criando-se e recriando-se no fluxo da natureza. Determinado pela obediência e habituação à disciplina, este gênio atinge seu objetivo através do exercício, da repetição e da gestação, em um ritual respeitoso e disciplinado, semelhante à relação do artista com sua arte, enriquecendo assim a cultura autêntica. A partir desse contexto, surge a necessidade de se erguer instituições que abram a possibilidade de convivência com estes homens raros, os que possuem esta verdadeira cultura.

O artista experimenta o momento sem a expectativa de atingir um objetivo fechado e acabado. Suas experiências cotidianas são as mais admiráveis, instrutivas e decisivas. A vivência educativa, a partir do cotidiano experimentado, é capaz de libertar o estudante das amarras com as instituições, tornando-o autônomo. Uma autonomia diferente da que é pregada na Universidade: “Ele pode escolher o que quer ouvir, não

[17] Nietzsche explica esta experiência inconsciente da unidade metafísica com as inúmeras metáforas da natureza, como o desprender-se da visão do mundo natural que se tem e voltar este olhar para si como parte de cada movimento da natureza. Enxergar-se e reconhecer-se em cada elemento que se apresenta diante de nossos olhos no fluxo natural da vida (2003, p. 105).

precisa acreditar naquilo que ouve, pode tapar os ouvidos quando não queria ouvir. Eis o método de ensino 'oral'" (NIETZSCHE, 2003, p. 125). Nesse sistema não é permitido aos discentes qualquer intervenção, o aluno se liga ao estabelecimento de ensino pelo ouvido (apenas escuta), cabendo ao professor somente falar. Nietzsche ironiza a dita "liberdade acadêmica" (NIETZSCHE, 2003, p. 126), constituída de bocas docentes, que falam o que querem e de ouvidos discentes, que ouvem aquilo que lhes é imposto. Esta é a autonomia difundida nos estabelecimentos de ensino até hoje.

Tão atual é esta discussão trazida por Nietzsche que identificamos no Estado um vigia atento, pois ele configura-se como o real objetivo e fim desta dinâmica; é para ele e por ele que funciona este sistema educacional. Nele os conceitos vão das bocas aos ouvidos e toda educação, neste sentido, é tratada como cultura. Orgulhosos, estes estabelecimentos se adornam com as mais belas pompas ao afirmarem que a autonomia acontece sob as formas de uma "autoeducação acadêmica da cultura" (NIETZSCHE, 2003, p. 126).

Ocorre, ainda, nos estabelecimentos de ensino, o que o filósofo Nietzsche define como tratamento neutro da filosofia, imobilizando o instinto filosófico natural por meio da "cultura histórica". O que é irracional torna-se o pensamento predominante. A cultura histórica domina o todo, considerando essa realidade vigente como única e verdadeira explicação para a história da humanidade. Portanto, há uma aparente expulsão tanto da filosofia, nas instituições educacionais e uma aparente e inegável distância das mesmas em relação às artes. Nelas, nossos estudantes "autônomos", vivem sem as duas: sem filosofia e sem arte. Não há mais qualquer relação com tendências culturais totalmente extintas. Nesse contexto se fundam, não mais cadeiras a serviço da verdadeira cultura, da filosofia e da arte, mas sim cadeiras de filologia, formando filólogos, comprovando que as Universidades e os ginásios não são aqueles que desejam tão orgulhosos ser – uma instituição cultural.

Nas instituições educacionais de hoje, impede-se a autonomia de seres em idade cujas necessidades principais, os levam a buscar grandes guias. Ao invés de procurar conhecer a si próprio e mergulhar na natureza do vivo como um verdadeiro artista, ou um autêntico filósofo, o aluno caminha desamparado de um mestre, rumo a dúvidas, desesperos, carências de vida, desregulando o curso natural da sua existência. Um homem culturalmente extraviado é algo grave, ruma para a barbárie, apoia-se no jornalismo, torna-se um erudito desvirtuado, promovendo uma fuga de si próprio, aniquilado seu instinto cultural. "Nasceste para a cultura, mas foste educado pela incultura!"

(NIETZSCHE, 2003, p. 132). Nietzsche, nas discussões finais da Quinta Conferência sobre os estabelecimentos de ensino, reafirma a necessidade de se seguir com obediência e disciplina os grandes mestres, os verdadeiros guias, para o alcance da verdadeira cultura. Uma cultura autêntica nasce a partir da disciplina, do sentido de dever, como podemos observar na prática artística de um artesão ou de um pintor – incansáveis até atingirem o objetivo que estabelecem. Desse modo percebemos uma procura mútua: os guias forjados no seio desta cultura verdadeira necessitam de discípulos para conduzirem, e os desprovidos de um guia, almejam um verdadeiro mestre que os conduza.

Porém, assim como na época de Nietzsche, a cultura dominante da atualidade, trabalha pela negação e destruição, corrompendo os guiados e humilhando os guias. Impede que os futuros discípulos encontrem seus mestres. "Mas, enfim, coloquem no meio desta massa um gênio, um verdadeiro gênio, conduzido pelas asas de sua fantasia – então, vocês observarão imediatamente algo de inacreditável." (NIETZSCHE, 2003, p. 137). Em consequência disso, assinalamos que, conforme afirma Nietzsche, é fundamental conduzir os discípulos pelo caminho das artes, permitindo-lhes viver a vida, integrar-se à natureza, responder a seus instintos e estar em constante movimento e mutação – pois o olhar do artista é livre dos vícios do desespero e da negação.

O Educador para Nietzsche – Arthur Schopenhauer.

Após refletir sobre a dinâmica dos estabelecimentos de ensino na Alemanha de sua época e de discutir como neles torna-se impossível o desenvolvimento da verdadeira cultura, Nietzsche apresenta o que, para ele, na sua própria existência[18], pode ser um modelo de educador que cultiva e propicia o despertar do gênio, assim como torna possível a cultura autêntica. É preciso, neste momento, voltarmos o olhar para nós mesmos, educadores contemporâneos, e analisarmos nossa prática educativa.

Em *Schopenhauer Educador*, Nietzsche afirma que a verdadeira essência do aprendiz está acima dele próprio e que os verdadeiros educadores têm a missão de serem seus libertadores. Devemos assumir a responsabilidade de nossa existência e, para isso, o sentimento de liberdade deve guiar toda manifestação educativa que valorize a cultura. O educador filósofo, praticamente incomum na Modernidade, ensina-nos a sermos simples e honestos, no pensamento e na vida. Ao contrário do filósofo das universidades, ele não

[18] A leitura de *O mundo como vontade e representação* (SCHOPENHAUER, 2001) foi fundamental para o percurso teórico e vital de Nietzsche.

nos impede de filosofar, ele nos educa contra o próprio tempo, isto é, contra as tendências mediocrizantes da modernidade. Este educador filósofo leva em consideração um mundo independente do Estado, o mundo da cultura. A tarefa deste mestre está em dominar o "interesse histórico" – somente conhecer; não agir. Em sua ótica, torna-se essencial tratar o vivo como vivo, acolher os problemas vitais como essenciais em uma cultura autêntica; é fundamental permitir ao educando um domínio de ação convenientemente prático, vinculado às premências concretas da sua existência. Ao contrário dos eruditos das ciências que pensam mais nos conhecimentos científicos do que na humanidade enviando a si próprios ao sacrifício e, por consequência, as gerações futuras. Diante desse panorama, surge a sensação, quase imperceptível, da necessidade de educadores morais, pois o homem moderno se encontra perdido e confuso, em meio a um cristianismo mentiroso e a um pensamento antigo confuso igualmente sem coragem.

> Este educador filosófico com quem eu sonhava poderia, não se deve duvidar, não somente descobrir a força central, mas também impedir que ela agisse de maneira destrutiva com relação às outras forças; eu imaginava que sua tarefa educativa consistiria principalmente em transformar todo homem num sistema solar e planetário que me revelasse a vida, e em descobrir a lei de sua mecânica superior. (NIETZSCHE, 2003, p. 143)

Segundo Nietzsche, Schopenhauer carrega consigo esta *missão* de libertar o indivíduo da modernidade. Baseia seu viver na honestidade, na serenidade e constância. Honestidade, pois escreve e fala como para si próprio, ou ainda, como um pai para um filho; não há, em suas palavras, pedantismo nem retórica. Sem pompas, com flexibilidade e elegância francesa ele fala do que é profundo simplesmente, comovente. Mostra-se sereno, porque o verdadeiro pensador torna-se alegre e sereno sempre, com segurança e simplicidade, com coragem, vigor e rigidez, como um vencedor. Ele impõe-se pelo pensamento. Na presença dele nos sentimos realmente humanos e naturais; ele se move e vive com autenticidade. É constante, pode-se concluir, por sua firmeza, coerência, que ele está isento de hesitação e medos. Seu exemplo é dado por sua vida real, assim como ensinam os filósofos da Grécia Antiga.

Percebemos em nossa época uma defasagem na formação de professores. Pressionados e preocupados em atingir o objetivo de preparar os alunos para o mercado de trabalho e a concorrência nos concursos, nos afastamos do real propósito de nossa tarefa: formar homens fortes e saudáveis. Assim sendo, o modelo de Schopenhauer como educador é caracterizado por sua falta de atenção aos grupos acadêmicos, por buscar independência do Estado e da sociedade; desprendido do fato de considerar a filosofia

como uma "ciência pura" (NIETZSCHE, 2003, p. 151). E, por assim ser, encontra-se cercado por perigos oferecidos a homens excepcionais como ele, que vivem em uma sociedade ligada à norma ordinária. Quando suas características estranhas são destruídas, eles se tornam melancólicos, ficam doentes e morrem. Este filósofo vive perigosamente asilado em sua filosofia impenetrável às tiranias mundanas e, ao colocar a salvo sua liberdade, no interior de si próprio, padece de melancolia. E esta tristeza prolongada o torna vulcânico, saindo de seu abrigo com palavras, atos e semblante explosivos, destruindo a si mesmo.

Outro perigo que estes homens extraordinários correm é o do "desespero da verdade". Não suportando permanecer vivendo na dúvida, estes espíritos mais nobres externam um ceticismo e um relativismo destruidores. Assim, o filósofo torna-se um guia através da dúvida, do ceticismo, da criticidade, para nos conduzir às "alturas da contemplação trágica" (NIETZSCHE, 2003, p. 156).

Por fim, estes homens conhecem em si os limites de seus dons, enchendo-se de nostalgia e melancolia – aí reside o terceiro perigo. Aspiram à santidade, à genialidade enquanto ser intelectual – raiz de toda verdadeira cultura.

> Que Schopenhauer pudesse ser um modelo, isto permanece verdadeiro, apesar de todas estas cicatrizes e de todos estes defeitos. Poder-se-ia mesmo dizer que o que havia demais imperfeito e de demasiado humano no seu ser é precisamente o que mais nos aproxima dele, no sentido mais humano da palavra, pois o vemos como um ser sofredor e como um companheiro de sofrimento, e não mais somente imerso na elevação desdenhosa do gênio. (NIETZSCHE, 2003, p. 159)

Portanto, os perigos que assombram Schopenhauer, assim como a qualquer outro ser capaz de nos libertar das amarras e pobrezas da modernidade, são o isolamento, destino de solidão; perder o sentido da verdade, pensamentos que seguem de bom grado o ambíguo caminho da dialética; e o endurecimento moral e intelectual – ele deixa de ser fecundo, de procriar.

Viver, para Nietzsche, de uma maneira geral, é estar em perigo. E, a educação deve, por fim, nos educar contra nosso tempo, reconhecendo que tempo é este. A educação, para uma cultura autêntica, deve primar pela seriedade da filosofia contra a "seriedade de um jornal". Este, que por sua pseudofilosofia, considera o problema da existência uma brincadeira: "O homem culto degenerou até se tornar o maior inimigo da cultura" (NIETZSCHE, 2003, p. 166). O educador necessita, deste modo, ter um guia que conduzirá o educando na contramão do serviço cerceador ao Estado. Sua prática deve

pautar-se nas experiências reais e significativas da vida de seus discípulos, auxiliando-os a encontrar um caminho de afirmação suas forças e suas potências.

O ato de educar consiste em reconhecer e vivenciar a metafísica da natureza, para o conhecimento de si próprio – e por esta razão ela própria sente necessidade do artista. O homem verdadeiro sente que sua atividade tem um sentido metafísico; encarnado na imagem de Schopenhauer, este homem assume para si o sofrimento voluntário da verdade, o sofrimento que serve para a total transformação de seu ser. Por isso uma tarefa enorme se apresenta a ele, assim como à educação: destruir tudo o que pertence ao devir, oferecer-se em sacrifício de si mesmo para, enfim, conhecer.

Deixar de ser apenas um animal e desejar o impulso vital com cegueira, passar a não mais enxergar a existência como absurda, espelhando a vida na sua significação metafísica. Este deve ser o homem capaz de educar os indivíduos de seu tempo, permitindo que nos lancemos para fora de nós, e para além do nosso próprio tempo. Os mestres de hoje precisam educar pelo exemplo, partindo de suas próprias experiências para gerar atos educativos. O ideal de Schopenhauer como educador, para Nietzsche, permite que identifiquemos, nas instâncias mais importantes de nossas vidas, o que habitualmente nos subtrai de nossa autêntica tarefa, que não mais *entreguemos* nossa "alma" ao Estado e deixemos de lado o fardo jornalístico de uma cultura banal.

O guia necessita nos conduzir a fortalecer nosso sentido de recolhimento e reflexão, pois a natureza tem sérias exigências para os criadores.

> Os homens verdadeiros, aqueles que não são mais animais, os filósofos, os artistas e os santos; logo que eles aparecem – e com este aparecimento – a natureza que jamais dá saltos dá seu único salto, e este é um salto de alegria, pois, pela primeira vez, ela percebe que chegou à sua finalidade, lá onde compreende que deve desaprender a procurar fins e onde foi colocada num posto muito alto no jogo da vida e do devir. (NIETZSCHE, 2003, p. 179)

Na proposta de Schopenhauer, é fundamental trabalhar para a realização da natureza. Participar de uma poderosa comunidade não mais exercendo seus deveres isolados. Eis o pensamento fundamental da verdadeira cultura: "incentivar o nascimento do filósofo, do artista e do santo em nós e fora de nós, e trabalhar assim para a realização da natureza." (NIETZSCHE, 2003, p. 180) Necessitamos de uma formação de professores que prime pelo desenvolvimento de tais características nos educadores atuais, dispensando assim atitudes que perpetuem a lógica capitalista na prática educativa. Permitir que o educador utilize novas metodologias taxadas como não convencionais, ou pedagogias tidas como inválidas para a lógica do mercado, consiste em um movimento

inusitado e ousado. Compete a nós iniciarmos o trânsito por este caminho "desconhecido", em prol da reconstituição dos saberes e conhecimentos basilares de nossa verdadeira cultura.

O homem moderno almeja um guia honesto, sereno e constante; genial, que o conduza a esta libertação pela natureza. A natureza, por sua vez, tem necessidade do artista para atingir seu *fim metafísico* – o conhecimento de si própria - pois os artistas vivem com esta audácia e honestidade presente no homem de Schopenhauer. A filosofia exige liberdade; e somente o espírito autêntico é capaz, por sua arte, de libertar o homem moderno da modernidade. Em resumo, na proposta pedagógica nietzschiana, Schopenhauer aparece como um mestre *superior*, um espírito elevado e independente, capaz de suscitar nos seus discípulos o mesmo espírito de autonomia, de criação e de liberdade dos mecanismos opressores e castradores de sua época. O verdadeiro mestre mostra caminhos possíveis para além das imposições da academia, do mercado e do Estado.

Adotemos, então, esta pedagogia nietzschiana do educador filósofo, do educador artista. Procuremos em sala, ou fora dela, praticar a disciplina e o hábito por meio de práticas baseadas em música, pintura, movimentos e experimentações. Revisemos, pois, nossa formação, e, assim lancemos um desafio a nós mesmos: ensinar o aluno a viver artisticamente.

Nietzsche e a dança.

> Mas é preciso coragem para praticar a desconfiança, descartar os pré-juízos, evitar as convicções. É preciso destemor para abrir mão de antigas concepções, desistir de mundos hipotéticos, libertar-se de esperanças vãs. Enfim, é longo o processo para o espírito tornar-se livre. E não causa surpresa que o espírito livre seja, antes de tudo, um dançarino. (MARTON, 2000, p. 145)

Destacamos, anteriormente, as principais críticas realizadas por Nietzsche aos estabelecimentos de ensino de sua época – tão atuais para nós – que, em sua proposta mercantilista, levam a humanidade a uma pseudocultura. Esses estabelecimentos se preocupam, ao mesmo tempo, com a total ampliação e redução da verdadeira cultura, em prol da *barbárie* da modernidade, do pensamento e estética jornalísticos, da superficialidade, da valorização exagerada da razão em detrimento dos instintos – das pulsões vitais e criadoras - e do controle do Estado. Na contramão dessas tendências que

impedem o avanço da cultura autêntica, é preciso propor caminhos diferentes para os nossos estabelecimentos de ensino na atualidade.

"O grande meio indispensável para formação [*Bildung*] dos grandes homens é a 'filosofia' que liga o saber à arte. A cultura, no entanto, não se esgota no trabalho do intelecto, mas se estende à formação do *'olhar'* e à faculdade de *'escolher'* [...]. " (NIETZSCHE, 2003, p. 31). Nesse sentido, Nietzsche considera a arte como sendo fundamental para a educação, porque aquela e a filosofia representam as atividades humanas primordiais para se alcançar o essencial da vida.

Dionisíaca é a filosofia que espelha o mundo, que traduz a vida. Deste modo Nietzsche se julgava um filósofo dionisíaco, que enxerga nas artes – aqui é importante enfatizar a dança – o viés de realização do homem moderno e o berço para o surgimento do gênio e para suas criações. No encontro da filosofia e da arte se institui o mundo natural, afirmando e reafirmando em si o que de mais vital se configura como primordial para o homem: a natureza. "É preciso uma filosofia 'bailante', capaz de se expressar além dos conceitos, que induz e se reproduz na capacidade criativa de seres superiores" (FEITOSA, 2001, p. 35). E dançando se revelam os movimentos mais humanos, os elementos mais relevantes, os pensamentos mais autênticos, a filosofia mais dionisíaca e a cultura mais verdadeira.

Com a dança revela-se o mundo dionisíaco (MARTON, 2000), e é nela que Nietzsche se inspira para expressar sua "selvagem sabedoria". Na dança, os futuros gênios se formarão, e por meio dela farão mutação no considerado imutável pelos eruditos corrompidos de nossa época.

Este mundo dionisíaco ao qual Nietzsche se refere traduz-se na dança como o mundo do eternamente criar-a-si-próprio e do eternamente destruir-a-si-próprio. E ele tem na dança sua principal aliada em seu combate contra a metafísica – transcendente da realidade[19] – e contra a religião. Estas duas vertentes, por sua vez tentam impor ao homem sua crença em outro mundo, eterno, melhor, mais feliz, pelo qual nossa existência terrena tem sentido. A ele só podemos chegar através de atos, valores e experiências postulados pela religião para serem seguidos durante nossa medíocre estadia no mundo dos vivos. Esse outro mundo, essencial e imutável, ainda exerce poder e tem força sobre o cotidiano da nossa época. A eternidade idealizada pelo cristianismo e pelo judaísmo é alcançada a

[19] http://www.astrologosastrologia.com.pt/oculto_dicionario.htm em 27 de outubro de 2009.

partir da negação das pulsões e dos instintos naturais do homem. Negando a própria vida, o indivíduo alcança, após sua morte, a "verdadeira felicidade" pregada pela religião.

Com a dança, vem abaixo toda esta visão de mundo. Percebemos na dança certa dose de ceticismo, saudável ao corpo e ao espírito autêntico do homem. A dança enquanto movimento, põe a balançar a certeza do imutável[20]. No que diz respeito ao dogma dos estabelecimentos de ensino, os postulados lógico-metafísicos que permeiam a linguagem, com a dança – a linguagem do corpo – não corremos o risco de petrificar e fixar nas palavras algo já pronto. Nela a liberdade de espírito não está em perigo, pois a dança, segundo Nietzsche, segue o fluxo vital.

A dança traz leveza. Segundo Nietzsche, ela ataca a gravidade dos valores tradicionais, pois combate o peso do ressentimento fomentado pelo cristianismo através da instauração do "bom" – aquele que é pobre, miserável, sofredor (NIETZSCHE, 2009). Para o cristianismo, a afirmação da vida é um mal em si: tudo que diz respeito à essência do ser, suas pulsões vitais, seus instintos naturais, devem ser negados, reprimidos, em prol do que é imutável (o eterno).

Em Feitosa (2001, p. 35), percebemos que o bailarino é o único que realiza uma arte ligada direta e intimamente ao corpo, pois o mesmo é o meio no qual expressa seus aspectos sensoriais e afetivos. Dançar, afirma este autor, "é a forma mais efetiva de superar a metafísica" (FEITOSA, 2001, p. 35). O homem é o único ser capaz de executar esta arte, pois se constitui em um corpo que pensa. Dança é inteligência. É uma mistura de espontaneidade e elaboração; é sensualidade. Jamais se reduz a movimentos aleatórios, sem propósitos. Com a dança estabelecemos contato e transformamos o corpo. Na ótica de Nietzsche, o mundo encontra-se constituído de forças que agem e reagem umas em relação às outras. E ao dançar se institui o tempo, se constitui o espaço. Destarte é dançando que se aniquila e constrói, conforme o princípio do mundo dionisíaco.

Considerações finais acerca da pedagogia dançante – por uma docência artística.

Tornar naturais os métodos de educação é uma tarefa árdua para os profissionais que se encontram nos estabelecimentos de ensino. Portanto, uma prática baseada na arte, por exemplo, na dança, se constitui como um promissor caminho para a transformação

[20] Um dos dogmas da religião é pregar a felicidade eternal após a morte, invalidando todo impulso, vontade de potencia, do indivíduo em virtude dos valores cristãos dignos de quem merece entrar no "reino eterno". Cristalizam-se as necessidades vitais e negam-se os instintos, tornando a vida algo previsível, estático.

do aprendizado cotidiano, "desprendido" das formalidades, significativo em todos os sentidos para a vida humana. Através da arte – conforme a concepção da "metafísica de artista" da primeira fase da filosofia de Nietzsche - se "imita" o processo criador da natureza.

O homem superior, o gênio, analisado por este filósofo, em sua obra *Escritos sobre Educação* (2003), representa este educador capaz de libertar a si e seus discentes, tornando-se aquilo que se é[21]. Esse homem é alguém em desacordo com seu próprio tempo, que surge do seio daquilo que pode ser considerado a verdadeira cultura e se alimenta da audácia e honestidade de sua própria arte. Assim, o fazer artístico apresenta-se como alternativa ao ensino jornalístico e bárbaro da modernidade. Ele proporciona a compreensão e aquisição da autêntica cultura; nada mais legítimo que a obra-prima do gênio na essência de sua própria e natural arte. Nesse sentido, devemos propor uma formação de professores capaz de oferecer diferentes recursos artísticos frutíferos em sua prática diária de ensino.

Por meio de uma formação que priorize a vertente artística, nós educadores alcançamos o rompimento com o poderio do Estado, com a superficialidade da modernidade e com as falácias de uma razão abstrata, presente tanto nas ciências tão específicas quanto seus métodos e seguidores. Pela arte compreendemos o que é natural e somos capazes de nos perceber em um mundo regido pela contemporaneidade vazia, carente de valores, subalterna ao "ter", escrava da aparência, a favor da redução/ampliação da verdadeira cultura. É com o verdadeiro sentimento artístico que auxiliamos nossos educando a atribuir significado aos clássicos estudados.

Nietzsche afirma que nas universidades os indivíduos não estabelecem contato com a verdadeira filosofia, pois esta há muito delas foi banida e, tampouco, são instituições que oportunizam uma verdadeira relação do pensamento filosófico com a arte. Sendo assim, nossos professores em formação, privados de um espírito autêntico, não possuem um domínio prático de sua própria ação e não enxergam, nem tratam o que é vivo, como vivo – o que é natural e instintivo. Há nessas instituições um adestramento violento e um processo de modelagem do caráter a favor da utilização deles pelo Estado. Os pobres guiados são, então, facilmente corrompidos, reproduzindo em suas salas de aula a lógica pela qual obteve seu título.

[21] De acordo com o filósofo Nietzsche, tornar-se aquilo que se é vem caracterizado por um aumento máximo de potência dos impulsos vitais humanos (FREZZATTI JR, 2008, pp. 39 e 66).

Criticando essa tendência, Nietzsche apresenta sua concepção de educação através da arte, seja do educador, seja do educando. Trata-se de uma perspectiva que valoriza as pulsões vitais de cada ser, que supre as necessidades do gênio capaz de enfrentar seu próprio tempo, que afirma o lugar primordial e basilar da natureza. Em sua proposta educativa, é possível afirmar que **a dança** se configura como uma importante aliada. Para o filósofo alemão, a arte não exclui o instinto, ou desejo, ou a vontade. O essencial dela é doar sentido à existência, gerar perfeição e plenitude. A arte é base de novos valores, opondo-se a todas as formas de decadência. Nietzsche compreende a arte pela visão do artista que, inseparável de sua obra, é considerado por ela como o "útero", o "adubo" da mesma (DIAS, 2006, p. 197). A arte é um estado de perfeição e afirmação da vida, de engrandecimento do homem. E estar receptivo a ela é reviver esta experiência do criar, tão relevante no ato de educar na relação professor-aluno. A arte – neste ponto podemos indicar a relevância da dança – é vontade de potência; ação afirmativa da força vital.

Com a dança potencializa-se o desenrolar das emoções e das tensões corporais, isto é, do fluxo vital. Ela carrega em si diferentes perspectivas, pontos de vista, impõe permanente mudança em tudo que existe. Proporcionar percepção do mundo através da dança, da música que se dança e do contexto no qual a dança se insere, se mostra fecunda e vital ao homem – tão carente de elementos que supram suas necessidades instintivas e cotidianas. Com a dança, o homem experimenta uma atmosfera mais leve, livre da influência do "ter", onde não é estimado pela carreira que segue, onde o "ser corrente" não é convidado a surgir. Ao propor a dança, o professor pode expor o que de mais autêntico tem; seus impulsos externam os seus traços marcantes e seu valor. Formar-se através da arte – da dança – é possibilitar a afirmação do autêntico em combate ao fútil e banal.

Nosso objetivo, ao traçarmos esta análise, é lançar um desafio, plantar uma semente no solo fértil de nossa realidade. Sabemos e percebemos que a cada dia surgem mais e mais estabelecimentos que validam o discurso jornalista e formam eruditos. Porém cabe a nós encontrarmos as alternativas necessárias ao enfraquecimento desta dinâmica que obedece a lógica capitalista. O caminho de uma formação de professores através das artes se constitui em uma trilha repleta de obras a serem contempladas. Na arte, não há espaço para filólogos – os eruditos pedantes da modernidade criticados por Nietzsche - nem mistagogos. Ela torna-se assim, uma expressão de cultura autêntica, acima do mundo das necessidades, pois é pelo primor à disciplina que se alcança sua perfeição. Nela o mestre possibilita seus alunos a exprimirem cada vez mais e melhor seus impulsos através

do aprimoramento técnico aliado ao uso da emoção cênica durante uma aula ou criação de uma obra. Com o verdadeiro sentimento artístico, o mestre extrai de seu aluno a raiz de seu conhecimento. Abre a ele a via de acesso ao cultivo do gênio, que surgirá na pátria metafísica da arte."Estar receptivo à arte é reviver a experiência do criar. Revive-se esta experiência criando-se uma outra obra de arte [...]" (DIAS, 2006, p. 202.)

Percebemos que uma educação baseada na arte de uma maneira geral, mas principalmente, pela dinâmica da dança, impõe diferentes significados nas descobertas que o homem realiza durante sua vida. Educar através da dança é propor movimento à vida. Dançar é falar com o corpo, é expressar-se por uma via concreta, é interagir afetivamente consigo e com o outro, é exercitar um conhecimento, é perceber seus sentidos e sentimentos, é manifestar desejos, é lutar, é comer. É respirar, é aprender, é ensinar, é vital. Dançar é educar para, e a partir do próprio ser humano, da própria experiência vital, deixando de lado o massacre dos livros e a cegueira da especialização e da erudição com a qual o educador interage durante sua formação.

Propomos um novo olhar na sala de aula e um novo caminho de constituição do educador. Compreendemos que a mudança não ocorre subitamente, nem é aceita por todos que por ela são influenciados. Mas desafiamos deixarem de lado livros, cadernos e apostilas, afastarem mesas e cadeiras, ouvir a música e deixar fluir os impulsos que ganham voz com o corpo. Uma formação humana, mais especificamente uma formação de professores, sob o viés artístico/corporal exige estudo, experimentos, coragem e aceitação. E o resultado pode surpreender.

Referências.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. A memória, o esquecimento e a alegria da superfície. In: BARRENECHEA, Miguel Angel; FEITOSA, Charles; PINHEIRO, Paulo (organizadores). *Assim falou Nietzsche V – Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação.* Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: UNIRIO; Brasília, DF: Capes, 2006. 1ª Edição.et al. (Org.). Nietzsche e os gregos. RJ: DP&A, 2006, pp. 27-47.

CAVALCANTI, Anna Hartmann. Arte como experiência: a tragédia antiga segundo a interpretação de Nietzsche. In: BARRENECHEA, Miguel Angel; FEITOSA, Charles; PINHEIRO, Paulo (organizadores). *Assim falou Nietzsche V – Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação.* Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: UNIRIO; Brasília, DF: Capes, 2006. 1ª Edição.

DIAS, Rosa. Nietzsche e a "filosofia da arte". In: BARRENECHEA, Miguel Angel; FEITOSA, Charles; PINHEIRO, Paulo (organizadores). *Assim falou Nietzsche V – Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação.* Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: UNIRIO; Brasília, DF: Capes, 2006. 1ª Edição.

FEITOSA, Charles. Por que a filosofia esqueceu da dança? In: BARRENECHEA, Miguel Angel; CASANOVA, Marco Antônio; DIAS, Rosa; FEITOSA, Charles (organizadores). *Assim falou Nietzsche III – Para uma Filosofia do Futuro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. 1ª Edição.

FREZZATTI JR, Wilson Antônio. Educação e cultura em Nietzsche: o duro caminho para "tornar-se o que se é". In: AZEREDO, Vânia Dutra de. (Org.). *Nietzsche: Filosofia e educação*. 0ed.Ijuí: Unijuí, 2008, v. 0, p. 39-66.

MARTON, Scarlett. Só acreditaria num deus que soubesse dançar. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel. *Assim falou Nietzsche II – Memória, Tragédia e Cultura.* Rio de Janeiro: RELUME DUMARA, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A visão dionisíaca de mundo, e outros textos da juventude.* Tradução: Marcus Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos Santos de Souza; Revisão da tradução: Marco Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. 19 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *Escritos sobre Educação* / tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2003. 3ª Edição.

_____. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

SCHOPENHAUER, Artur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

http://www.pensador.info/autor/Friedrich_Nietzsche/7/

http://www.geocities.com/joanymacaroni/quotes

http://www.astrologosastrologia.com.pt/oculto_dicionario.htm.

http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=mistagogo.

Recebido em 12-08-2015
Aprovado em 10-10-2015